

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

POR UMA CANÇÃO

11 de Agosto de 2021

TABU / 2012

um filme de MIGUEL GOMES

Realização: Miguel Gomes *Argumento:* Miguel Gomes, Mariana Ricardo *Fotografia (preto e branco, 1:1:37):* Rui Poças *Som:* Vasco Pimentel *Montagem:* Telmo Churro, Miguel Gomes *Montagem de som:* Miguel Martins, António Lopes *Misturas:* Miguel Martins *Decoração:* Bruno Duarte *Guarda-roupa:* Sílvia Grabowski *Caracterização:* Araceli Fuente, Donna Meirelles *Primeiro assistente de realização:* Bruno Lourenço *Anotação:* Telmo Churro *Consultor artístico para o preto-e-branco:* Silke Fischer *Interpretação:* Teresa Madruga (Pilar), Laura Soveral (Aurora), Ana Moreira (jovem Aurora), Henrique Espírito Santo (Ventura), Carloto Cotta (jovem Ventura), Isabel Cardoso (Santa), Ivo Müller (marido de Aurora), Manuel Mesquita (Mário).

Produção: O Som e a Fúria, Komplizen Film, Gullane, Shellac Sud (Portugal, Alemanha, França, Brasil, 2012) *Produtores:* Luís Urbano, Sandro Aguilar *Co-produtores:* Janine Jackowski, Jonas Dornbach, Maren Ade, Fabiano Gullane, Caio Gullane, Thomas Ordonneau *Produtor Associado:* Alexander Bohr, ZDF/Arte *Produtor Executivo:* Luís Urbano *Chefe de produção:* Joaquim Carvalho *Cópia:* Cinemateca Portuguesa-Museu do Cinema, 35 mm, preto-e-branco, versão original em português e alguns diálogos em inglês legendados em português, 118 minutos *Primeira apresentação pública absoluta:* 14 de Fevereiro de 2012, na 62ª Berlinale (prémio FIPRESCI e prémio Alfred Bauer) *Ante-estreia em Lisboa:* Cinemateca, 3 de Abril de 2012 *Estreia comercial em Portugal:* 5 de Abril de 2012.

_____ a sessão decorre ao ar livre, na Esplanada 39 Degraus, com intervalo.

Lisboeta e africano (nos cenários e locais de acção), contemporâneo e de época (nos tempos narrativos), rodado em película 35 mm e 16 mm preto-e-branco no formato quadrado do cinema dos primórdios em 2011, o TABU de Miguel Gomes é o que promete – um filme contemporâneo reflexivo do cinema clássico sendo também o seu espanto e em que não é questão de nostalgia mas de melancolia. Por atingir o *ponto* de equilíbrio de coordenadas múltiplas, por atingir *no ponto*, TABU é um filme que trabalha consequentemente o direito e o avesso da história, o modo de a contar, o modo de a propor ao espectador para que se exponha a ela entrosando-se emocionalmente no filme com a mesma intensidade da experiência das suas reverberações e a consciência das suas costuras. Isto é um filme é um filme é um filme e é preciso haver-mo-nos com ele, até porque o seu prazer e a sua tristeza ficam connosco para lá da duração do visionamento, o que não é pouca coisa. Como se fosse possível ficar impregnado da “demoníaca visão de um crocodilo triste, melancólico, acompanhado por uma dama de outros tempos, inseparável par que um misterioso pacto uniu e que a morte não pôde apartar”.

Assumindo a inspiração de Murnau, no título e na estrutura bipartida do filme (um “Paraíso”, um “Paraíso Perdido”, mas na ordem contrária à lógica e ao filme de Murnau e Flaherty indo do “Paraíso Perdido” à memória de um “Paraíso” que verdadeiramente nunca o foi), TABU (que esteve para se chamar AURORA e da ideia original do título guardou o nome da protagonista interpretada por Ana Moreira e Laura Soveral nas duas idades da personagem) olha vários interditos. O de um amor proibido, por onde passa a sua fúria romântica, mas também o do colonialismo português atravessado pela memória de uma vivência de juventude do ponto de vista da perda e da culpa, sem freios sociológicos ou políticos. Embora, é bom notá-lo, em dois, importantes, momentos, a voz africana se imponha a TABU: nos cantos e danças que sucedem à morte do explorador intrépido no “filme-prólogo”, e na corrida dos miúdos para a câmara que fecha a retirada de cena do cadáver do colonialista Mário e da colonial família no mesmo instante reconstituída e condenada de Aurora.

A África de TABU, filmada “on location” sem localização mais precisa do que a da África colonial portuguesa, num imaginário Monte Tabu, é também a do cinema, desde logo implícito nessa referência mas também na caracterização de Aurora como consultora de um filme hollywoodiano de retumbante fracasso chamado IT WILL NEVER SNOW AGAIN OVER KILIMANJARO (uma invenção de Gomes para a RKO), ou na frase anos 1980, vinda de um filme mais extraordinariamente popular do que extraordinário (OUT OF AFRICA), que, pela voz de Henrique Espírito Santo, o velho Ventura, faz arrancar o flashback da segunda parte impondo a TABU uma elipse de várias décadas: “Ela tinha uma fazenda em África.” A gravidade do tom, o enlevo para onde nessa altura do filme já o espectador não empedernido foi irremediavelmente

atirado, moldam instantaneamente o desconcerto, aliás expresso na reacção da personagem de Pilar / Teresa Madruga – “Desculpe?!...”

É um desconcerto semelhante àquele com que mais tarde recebemos o outro sinal bem-humorado e cinéfilo anos 1980 de TABU: CROCODILE DUNDEE / “[Crocodilo] Dandy”, o nome romântico com que Aurora baptiza o crocodilo bebé que foge do tanque do seu jardim para a casa de Gian Luca Ventura. A vontade de credulidade supera a incredulidade que vem estremecer o fluxo narrativo interrompendo-o sem quebrar o feitiço, o que é parte do espanto de TABU onde a denuncia dos sucessivos recursos a mecanismos de distanciamento ou momentos de suspensão se equilibra com a disponibilidade para a imersão. Não há por que desculpar e acreditamos, levados com Pilar e Santa pelo relato de Ventura para os tempos coloniais portugueses representados em versão clássica americana. Muito mais fundo, é lá – no cinema – que as personagens vivem, uma Aurora/Hepburn e um Ventura/Gable enredados numa história de inomináveis amor e crime que convive com o eclidir do fim do império colonial português para o qual eles não têm olhos.

Não faltam pontas por onde pegar na terceira longa-metragem de Miguel Gomes, perante a evidência de um universo que é dele. Nesse sentido, declinação apurada da afirmação de uma personagem que vem da primeira, A CARA QUE MERECES, também de estrutura explicitamente fracturada (“Teatro”, “Sarampo”) e onde há um crocodilo brinquedo (presente de entrada nos 30 anos que marca o percurso de despedida da juvenilidade do protagonista, Francisco/José Airosa): o gosto das histórias, no cinema. “Histórias...”, diz, nesse filme, Harry, na voz de Manuel Mozos. São “histórias...” que põem TABU em marcha no sentido em que a segunda parte, tabu da primeira, corresponde ao relato de um velho narrador, que só tem interlocução epistolar (a voz de Aurora / Laura Soveral vem das cartas dos amantes que eles foram enquanto, salvo ela, a voz do narrador é omnipresente na segunda parte), e eventualmente à imaginação de Pilar e Santa / Isabel Cardoso a quem ele se dirige. É também o gosto por “histórias” que solidariza Pilar e Santa, a segunda porque a descobrimos leitora, de *Robinson Crusoe*; a primeira porque além de activista, católica e fazedora de bolos de cenoura, é cinéfila – vemo-la duas vezes como espectadora numa sala de cinema onde a câmara assume o lugar do ecrã que ela olha recortada no escuro pela luz que vem da projecção, permitindo-nos até supor que é ao “Paraíso Perdido” que ela assiste já na primeira parte, como parece dizer a intromissão em bis da versão espanhola de *Be My Baby*, a canção de TABU.

O desejo de ficção que marca a primeira parte é delas, a imperscrutável pragmática Santa e a solidária e solitária Pilar, mas também Aurora, diva delirante, fragilizada pela velhice que lhe acentua a vaga loucura sem lhe retirar uma praticante dignidade efabuladora. Teoricamente mais *real*, no sentido do contraponto à imaginação evocada da segunda parte, esta primeira parte é, no entanto, a mais feérica. O imaginário (inventário?) de Natal justifica as luzinhas e os enfeites nos vários cenários lisboetas, mesmo no corredor hospitalar onde Aurora menciona o crocodilo e Ventura, em rima com a fachada incandescente do casino do Estoril. É onde ela perde todo o seu dinheiro no início e onde conta um incrível sonho com macacos e homens peludos, filmada na placa giratória de uma mesa de jogo. Muito tremeluzente, dos focos dos capacetes na gruta da visita guiada, às velas na manifestação “Shame ONU” e à projecção na sala escura onde Pilar chora junto ao adormecido amigo de “mão bruta, alma sensível”. E boa parte do resto é realisticamente *fake*: uma girafa de gesso branco num jardim junto ao rio, o cenário de plástico de uma selva num centro comercial de subúrbio (onde há um crocodilo-carrinho e um tucano faz-de-contas) de onde TABU parte para África, para se tornar mais solar, mais granuloso, desvendando pela voz de Ventura a história calada pelo pacto de silêncio firmado com Aurora. Tingida de lágrimas. “Por mais distâncias que corras, por mais dias que passem, do teu coração não conseguirás escapar. / Então morrerei. / Triste e pobre infeliz.”

Fim de texto, espaço para notar: que o filme-prólogo é uma miniatura de TABU, o único segmento que mima um filme mudo, ainda assim, voltas trocadas, com um diálogo. Que no “Paraíso” não há falas mas que – salvo os breves instantes das imagens Super 8 mm do filme de família – nada é *silent*, sendo a banda sonora especialmente vibrante. Que as sensações invadem o relato africano. Que o casal protagonista interrompe um idílico passeio em travelling na savana para nos olhar nos olhos. Que nunca Teresa Madruga, Laura Soveral, Ana Moreira, Henrique Espírito Santo, Carlotto Cotta, estiveram tão *de acordo* no cinema, cúmplices da nota dominante deste pungente TABU.